# **VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL & SIMPOSIO DE POS-GRADUAÇÃO**

**Juventude em desenvolvimento: As experiências formativas e a construção de Projeto de Vida**

**Autor:** Felix Fernando Siriani – [felixsiriani@gmail.com](mailto:felixsiriani@gmail.com) - Mestrando em mudança social e participação política

# **Coautor:** Patrícia Junqueira Grandino - [patjg@uol.com.br](mailto:patjg@uol.com.br) -Professora Doutora em RDIDP na Universidade de São Paulo e Professora Pesquisadora Credenciada no Programa de Pós-Graduação em Mudanças Sociais e Participação Política (PROMUSPP). Membro do Núcleo de Pesquisas sobre Novas Arquiteturas Pedagógicas.

São Paulo, 2018

**RESUMO**

A presente pesquisa encontra-se em desenvolvimento e propõe investigar as singularidades da construção de projetos de vida de estudantes do ensino médio de escolas públicas da cidade de Americana, identificando as experiências formativas, dentro e fora do ambiente escolar, que podem contribuir, ou não, nesse processo. Com base na complexidade temática e seu caráter interdisciplinar, os adolescentes e jovens tornaram-se objetos de estudos, sobretudo, nas áreas de sociologia, antropologia e psicologia, pelo peso demográfico e pelas características singulares dessa etapa do ciclo vital (SCHMIDT, 2000). Mais do que apenas um fenômeno biológico e psicológico, a juventude também é histórica, social e cultural (HURTADO, 2012). Dessa forma, nossa proposta é contribuir com a compreensão de juventude enquanto objeto psicossocial e de desenvolvimento humano; valorizar as diferentes experiências de suas histórias - que contribuem na construção da sua identidade – e seu projeto de vida. Pretende-se identificar, no jovem, o lugar de experiências de socialização, escolares ou não, na construção da história, da formação da identidade, do reconhecimento individual e da construção de valores (HURTADO, 2012), que revelem o modo como o adolescente se lança à vida adulta e se confronta com o mundo do trabalho, das relações familiares, dos amigos, da espiritualidade e dos sonhos (DAMON, 2009). Por meio de uma variação da metodologia autobiográfica, na qual introduzimos instrumentos facilitadores de produção de relatos, indagamos aos participantes sobre a construção do seu projeto de vida e sobre os impactos que as experiências formativas podem exercer na construção do projeto de vida. Os dados estão sendo analisados qualitativamente, mas apresentam alguns resultados que contemplam o objetivo proposto. As análises preliminares apontam que as experiências formativas são importantes no processo de desenvolvimento juvenil e na construção do projeto de vida, mas em aspectos que ainda precisam ser melhor investigados. As principais referências são: Valéria Arantes, Willian Damon, Ana Amélia Camarano, Marília Sposito e Maria Gohn.

**Palavras- Chaves:** Projeto de Vida; Juventude; Educação; Educação Social; Políticas Públicas.

# **INTRODUÇÃO**

Este artigo sustenta-se nos achados preliminares de uma pesquisa de mestrado que está em curso, cujo interesse reside no reconhecimento da importância e da pertinência do processo de construção de projetos de vida para os jovens no contexto social em que estamos inseridos; e da busca por identificar como os diferentes espaços formativos podem (ou não) impactar nessa construção.

Na academia, nos meios de comunicação de massa e nas organizações sociais, o debate sobre “juventude” tem espaço garantido e diferentes autores apresentam concepções distintas sobre o que é “ser jovem”, algumas vezes se contrapondo, em outras complementando as visões e ações para esse público etário.

A juventude é complexa e multidisciplinar, e mais do que apenas um fenômeno biológico e psicológico, também é histórico, social e cultural (HURTADO, 2012). É essa complexidade temática e interdisciplinar que favoreceu que adolescentes e jovens se transformassem em objetos de estudos em diversos campos de conhecimento, como na sociologia, na antropologia e na psicologia, destacando, ainda, para tamanho interesse, o peso demográfico dessa parcela da população no Brasil e as características singulares dessa etapa do ciclo vital (SCHMIDT, 2000)

Nessa fase, a escola é espaço importante de socialização e para a formação da identidade do jovem. Mas, na atualidade, os jovens frequentam outros espaços educativos, que também oferecem atividades formativas, com uma pluralidade de valores, culturas, linguagens, expressões e ações que podem colaborar na construção das bases de seus projetos de vida.

Essas ações podem ocorrer dentro e fora da escola e abrangem as mais diferentes temáticas, como cultura, esporte, religião, fortalecimento de vínculos, dança, política, reforço escolar, independente da faixa etária (GARCIA, 2015).

Em seu processo de desenvolvimento, o jovem constrói sua identidade e desenvolve sua autonomia no entrecruzamento das condições pessoais, culturais, sociais, econômicas e históricas nas quais está inserido. A complexidade desse processo revela a importância do estudo sobre as condições de construção de projetos de vida.

O presente artigo tem como objetivo abordar as potencialidades da metodologia do projeto de vida para formulação de Políticas Públicas que sejam mais efetivas no atendimento à juventude, assim como identificar ações importantes nesse processo e sinalizar políticas públicas que potencializam a construção do projeto de vida desses jovens.

# **JUVENTUDE**

A Organização das Nações Unidas (ONU), declarou o ano de 1985, como sendo o Ano Internacional da Juventude, o que contribuiu para uma grande mobilização e debates sobre o tema e promoveu uma série de ações tendo como base as Políticas Públicas para este segmento, dando ênfase à importância social dos jovens.

Adotamos o critério de diversos órgãos internacionais como Banco Mundial, UNESCO, Organização Internacional do Trabalho (OIT) e a Lei Nº 12.852, de 5 de Agosto de 2013, que instituiu o Estatuto da Juventude, que consideram jovens, as pessoas entre 15 e 29 anos.

No campo de estudos sobre a juventude, diferentes autores trazem definições distintas, utilizando conceitos que direcionam determinada visão sobre o jovem.

De um lado, existe uma visão, baseada na corrente da sociologia funcionalista norte-americana, de que a juventude é uma fase conflituosa e problemática, e que se desvia do padrão social vigente, conforme indicou Peralva (1997). Numa visão oposta, há uma corrente que vê a juventude como agente transformador da sociedade, capaz de resolver todos os problemas do mundo e por isso deve ser preparado para tornar-se um adulto responsável e trabalhador (ABRAMOVAY e CASTRO, 2002).

Essas visões geram uma pressão social e cultural na juventude, que afeta seu desenvolvimento e autonomia, tornando-os reprodutores de uma ordem social pré-estabelecida pelo mundo adulto, devendo garantir a ordem e tendo a responsabilidade de preservá-la (PERALVA, 2007).

Para o presente trabalho adotamos uma terceira visão sobre a juventude, que se destaca pelo desenvolvimento das potencialidades e expectativas do jovem, que considera esse período da vida como uma condição social e um tipo de representação (PERALVA, 2007).

Essa concepção reconhece os aspectos e transformações biológicas, físicas e psicológicas, próprias do desenvolvimento humano numa determinada faixa etária, assim como os aspectos sociais, culturais e históricos que cada sociedade vivencia e representa a juventude, o que enfatiza a construção e o reconhecimento da identidade do sujeito, seu protagonismo e sua autonomia[[1]](#footnote-1).

É nesse período da vida que o indivíduo passa se reconhecer singularmente, identificar seu papel no mundo, estabelecer novos meios de relacionamento e sociabilidade e assumem compromissos que podem auxiliar em seu amadurecimento e suas escolhas. Assim, é uma fase exploratória de vida (FERREIRA, NUNES, 2013) que incide sobre a construção da identidade, na autonomização e na construção do projeto de vida.

É importante ressaltar a pluralidade das diferentes expressões da juventude, os inúmeros contextos sociais e relacionais em que o jovem elabora sua visão de mundo e constrói sua identidade (WELLER, 2012), o que resulta em uma infinidade de preferências, hábitos, vivências, comportamentos, que diferem as possibilidades de vivência e identidade (HURTADO, 2012).

Essa diversidade de concepções, cultura e transformações, ao longo da vida do sujeito e a intersecção provisória entre a experiência da pessoa, seu contexto histórico e social e seus projetos, vai construindo e modificando sua identidade e, portanto, vai se sendo modificada continuamente (HALL, 2006).

O debate sobre as diferentes experiências vividas pelos jovens e as necessidades singulares em sua trajetória de vida, torna-se importante principalmente por vivermos em “um mundo hostil para receber as novas gerações, pois também os adultos se encontram fragilizados buscando consolidar seus projetos de vida e alcançar seus objetivos” (GRANDINO, 2016, p. 6).

Olhar o desenvolvimento juvenil a partir da ótica da psicologia e da sociologia, permite identificar os diferentes contextos em que o jovem está inserido e a gama de experiências e significados atribuídos por ele, (…) “é nesse processo que cada um deles vai se construindo e sendo construído como sujeito” (DAYRELL, 2008, p. 160-161 *apud HURTADO, 2012, p. 30*).

# **POLÍTICAS PÚBLICAS E JUVENTUDE**

## Algumas definições sobre política pública são bastante simples, enquanto outras são bem complexas (HOWLETT, RAMESH, 2013). Refletir sobre políticas públicas é importante para “entender a maneira pela qual elas atingem a vida cotidiana, o que pode ser feito para melhor formatá-las e quais as possibilidades de se aprimorar sua fiscalização” (RODRIGUES, 2010, p. 8.).

No Brasil, a semelhança entre os termos Política e Políticas Públicas, acaba confundindo, portanto, é preciso diferenciá-las, tendo como base as nomenclaturas em inglês.

A palavra “Política”, vem do grego “*politikós”, que refere-se a “pólis”*, que era o lugar onde os gregos tomavam as decisões buscando o bem comum, era o espaço para garantir a ordem e estabilizar a sociedade de maneira pacífica, sendo marcada pelo conjunto de interações e conflitos de interesses.

Em inglês, a palavra política é traduzido como “*Politics”,* sendo essa dimensão processual da negociação e da barganha, que é um espaço conflituoso, pois é ali que há escolhas de objetivos, conteúdos e decisão.

O conceito de políticas públicas é recente e seu entendimento ainda é variado, ou seja, ainda está condicionado à realidade sócio-político em que está inserido e o envolvimento dos diferentes atores sociais (Estado, Sociedade Civil e Movimentos Sociais) nas escolhas de políticas públicas. Elas podem ser relacionadas a educação, a saúde, aos direitos humanos, a assistência social, a economia, a zona rural, as mulheres e tantos outros temas e direitos.

Em inglês, o termo Políticas Públicas é traduzido como *policy,* é referente ao conteúdo da política (*politics*), sendo a configuração dos programas, conteúdo material das decisões políticas.

A partir desse entendimento, utilizamos a definição de políticas públicas do teórico Willian Jenkins (*apud* HOWLETT; RAMESH, 2013) que define políticas públicas como conjunto de escolhas de um Estado ou por um grupo de atores políticos (Sociedade Civil) interessados na resolução de determinado problema, envolvendo decisões complexas e estudos específicos. Em outras palavras, Política Pública é a gestão de problemas e das demandas coletivas, por meio de metodologias e tomadas de decisões, que visam, com base no planejamento político, atingir os objetivos e metas estabelecidas (DIAS; MATOS, 2012).

Sobre Políticas Públicas para a Juventude, entendemos que são direcionadas e formuladas a partir da concepção e visão que o agente político e sua equipe têm sobre juventude, o que caracterizará o objetivo das mesmas.

Portanto, ter como fundo as demandas reais dos jovens, é possibilitar a construção de políticas públicas efetivas, eficazes e eficientes que atendam aos problemas apresentados por esse público

## **3.1 – Novo marco legal e reordenamento nas políticas públicas**

A Constituição de 1988, fruto da redemocratização brasileira, trouxe uma nova concepção de cidadania, que surgiu dos movimentos sociais. Tinha como proposta a descentralização do controle social das políticas públicas e a garantia dos direitos fundamentais (BRENNER, CARRANO e LÂNES, 2004).

Com o desenvolvimento e a luta dos movimentos sociais em prol dos direitos das crianças e adolescentes, em 1990, foi promulgado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que imprimiu a compreensão de que crianças e adolescentes são sujeitos de direitos, e que as políticas públicas devem ser capazes de atender com prioridade ao cumprimento dos direitos assegurados pela constituição. (CAMARANO et al, 2004).

Tendo como base a questão demográfica, a temática juvenil ganhou força no início dos anos 1990, em que organizações governamentais e não governamentais enfatizaram as vulnerabilidades, demandas e potencialidades desse público.

Colabora com essa visão a observação de que entre os anos de 1990 e 1998, alguns estudos e pesquisas apontam[[2]](#footnote-2) que não havia políticas públicas tendo como público-alvo a juventude, ou pelo menos, não havia ações estratégicas orientadas para os jovens brasileiros, mas algumas propostas baseadas na ideia de que a juventude era o problema da sociedade e necessitava de controle.

Nos anos seguintes (1998 e 2002), de maneira tímida, as políticas públicas de juventude, começam a serem formuladas, como parcerias nas esferas estaduais, municipais e federal e organizações da sociedade civil (CARRANO, SPÓSITO, 2003). Eram políticas públicas fragmentadas e sem grandes expressões, e de maneira muito especial, sem a participação da própria juventude (CARRANO, SPÓSITO, 2003).

Entre os anos de 2002 e 2010, no governo Lula, houve uma ampliação nas Políticas Públicas de Juventude, porém o grande legado e marca das políticas públicas nesse período foi a criação da Secretaria Nacional de Juventude, do Conselho Nacional de Juventude e a Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude.

Por fim, um dos marcos das Políticas Públicas de Juventude, foi a promulgação da PEC da Juventude em 2010, que inseriu a palavra jovem no artigo 227 da Constituição Federal do Brasil e a institucionalização do Estatuto da Juventude, no ano de 2013, que marca os direitos dos jovens e os princípios e diretrizes do Sistema Nacional de Juventude e suas políticas públicas.

Entretanto, com a crise econômica e política, instituída no Brasil desde o golpe que resultou no Impeachment da presidente Dilma Rousseff, podemos identificar um recuo das políticas públicas de juventude, sobretudo, no Governo Federal.

No Brasil, o contingente populacional na faixa etária entre 15 e 29 anos, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), censo 2010, é de mais de 51 milhões pessoas, ou seja, mais de 26% da população, tornando-se o maior grupo populacional do país, o que representa uma série de necessidades, demandas e políticas públicas específicas.

O contexto brasileiro, marcado pela desigualdade, intensifica os desafios e potencialidades das políticas públicas de e para juventude, sobretudo nas propostas e ações do Estado e da sociedade, pois ações dirigidas a essa parcela da população, bem articuladas e afinadas às demandas efetivas dos jovens, podem contribuir diretamente para o desenvolvimento de suas potencialidades e para favorecer a construção de projetos de vida consistentes.

# **PROJETO DE VIDA**

O projeto de vida, ou ausência dele, perpassa uma reflexão sobre os desejos e sonhos a serem realizados e que tipo de vida se pretende seguir. É durante a juventude que os projetos de vida se arquitetam e, desse modo, é importante que os jovens tenham acesso a recursos que contribuam para projetar em seu futuro..

As pessoas estabelecem trajetórias a partir das experiências vividas nos mais diferentes espaços, e constituem sua identidade, seus gostos, sua profissão, e consequentemente, vão moldando suas escolhas morais, seus valores e contra- valores (projeção negativa sobre si ou terceiros), desenvolvendo-se como sujeitos em suas relações com o mundo (PINHEIRO, 2013).

Utilizamos o conceito de experiência de Thompson (1981), que busca compreender, por meio das evidências históricas, como as experiências de homens e mulheres definem e redefinem suas práticas e pensamentos (THOMPSON, 1981).

As pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como ideias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos (...) Elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esse sentimento na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas (THOMPSON, 1981, p. 189).

Ao participar de atividades distintas, nas diferentes dimensões da vida profissional, familiar, afetiva, esportiva, o indivíduo vai identificando e assumindo valores que se tornam intrínsecos no seu cotidiano, o que contribui na elaboração do seu projeto de vida, a partir de suas capacidades, valores e aspirações pessoais. Dessa forma, projeto de vida pode ser considerado “uma intenção estável e generalizada de alcançar algo que é ao mesmo tempo significativo para o eu e gera consequências no mundo além do eu” (DAMON, 2009, p. 53).

No que se refere especificamente à construção de projetos de vida na juventude, é preciso reconhecer duas variáveis, sendo uma relacionada à identidade e outra ao conhecimento da realidade, pois quanto antes o jovem compreenda o funcionamento da sociedade, com seus mecanismos de inclusão e exclusão, maior será o campo de possibilidades que o mesmo criará no decorrer do seu projeto de vida (SERAFIM, MEZZOMO, PÁTARO, 2016).

Atentar ao processo de desenvolvimento integral dos jovens, tornando-os protagonistas de sua história, permite reconhecer o papel que essas diferentes experiências, dentro e fora do ambiente escolar, têm na formação das novas gerações. Cedo ou tarde é preciso enfrentar as perguntas e responder sobre emprego, família, amigos, felicidades e sonhos (DAMON, 2009).

Adotamos as definições de Silva (2009) e Dantas (2017), sobre projeto de vida, que postulam ser a a organização das escolhas feitas, com base em valores, princípios e metas, buscando responder o que queremos ser e fazer na vida; e que compreende o processo de construção da identidade com base na influência do meio, que sofre alterações conforme a trajetória de vida do sujeito, mas que auxilia na tomada de decisões e consequentemente, direciona a vida.

Como perspectiva de futuro, reflete a autora, que o projeto é vivenciado desde a infância, quando o indivíduo apreende sua condição social por meio da família e da comunidade. Contudo, essa construção não se limita apenas às condições objetivas de vida, mas é caracterizada na dialética entre a subjetividade e a objetividade, pois é através da reflexão crítica de suas vivências que os indivíduos veem possibilidade/impossibilidades de superação de uma determinada realidade no futuro. (FERNANDES, LIMA, MARCELINO, 2009, p. 547).

Considerar que o indivíduo é constituído por seus elementos genéticos, culturais e sociais de modo dinâmico e ativo e, portanto, evidenciar que esses fatores não determinam estaticamente cada ser humano, evidencia que novas experiências podem colaborar na revisão e na possibilidade de se fazer novas escolhas.

Dessa maneira, reconhecendo a importância das experiências e das oportunidades vivenciadas pelos jovens que impactam nessa projeção futura, percebe-se que políticas públicas direcionadas efetivamente às demandas dessa população podem contribuir para ampliar essas experiências e propor ações que favoreçam a construção do projeto de vida.

# **METODOLOGIA**

O procedimento metodológico adotado na pesquisa de mestrado, que este artigo trata parcialmente é uma variação da Metodologia de Relatos Autobiográficos, creditando a importância da memória e da narrativa como cerne do processo de amadurecimento e construção do Projeto de Vida. A Análise de Conteúdo, que pode ser considerada como um conjunto de técnicas de análises de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens [...]” (BARDIN, 1997, p.38) é empregada para analisar o conteúdo dos relatos produzidos pelos jovens sujeitos da pesquisa.

Entendemos que a metodologia de narrativas possibilita investigar o ser humano como resultado das relações e dimensões pessoais, sociais, profissionais, culturais e históricas, que enfatizam o seu percurso de vida.

O sujeito, por meio da reflexão da sua história, compartilha sua experiência e deste modo, permite que o outro compreenda sua trajetória, ao mesmo tempo em que reconhece as mudanças individuais e coletivas que sua formação propiciou.

A narrativa autobiográfica permite investigar a complexidade psicológica do sujeito em buscar os elementos que vão compor a realidade e desenvolver o seu pensamento (SOUZA, 2009). Dessa maneira, permite compreender seus sentimentos, pensamentos, crenças, valores e desejos em sua relação individual e coletiva.

Aplicamos os instrumentos em uma escola pública da cidade de Americana, no Estado de São Paulo a um conjunto de 34 estudantes do 2º e 3º anos do Ensino Médio , 16 do gênero masculino (47%) e 18 do gênero feminino (53%)

Para coletar os dados da pesquisa construímos três instrumentos, com base nas diferentes leituras e vivências dos autores, que foram aplicados em uma oficina e os participantes responderam de maneira espontânea sobre seu passado, presente e futuro. Os entrevistados foram orientados a destacarem pessoas, experiências e organizações educativas que tenham contribuído para sua formação. Foram solicitados, ainda, a relatarem aspirações para o futuro pessoal.

# **RESULTADOS PRELIMINARES**

Como citado anteriormente, o presente trabalho ainda está em fase de desenvolvimento. As análises preliminares indicam diferentes aspectos subjetivos dos jovens ao serem indagados a identificar seu passado e projetar o seu futuro, construído de maneira singular e a partir das suas convicções e valores morais.

Entre as respostas mais citadas, quando indagados sobre as experiências formativas, os jovens mencionam prioritariamente experiências formativas promovidas por projetos ligados à Igreja, a grupos culturais, esportes e ações realizadas pela escola, como grupos de liderança e grêmio estudantil. Pessoas da família, grupo de amigos e professores também são sinalizados como importantes na construção do projeto de vida dos entrevistados.

Ainda, as experiências citadas são aquelas que permitem que eles se envolvam ativamente. Os resultados coletados vão apresentando uma importância de experiências e ações que buscam construir seu projeto de vida com amplo protagonismo.

Dessa forma, as políticas públicas podem contribuir para ampliar os espaços para que os jovens possam ter essas experiências, dentro e fora do ambiente escolar, buscando contribuir com a formação integral desses e garantindo seus direitos.

# **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Até o presente momento, foi possível constatar, com base na análise preliminar das respostas e categorização, que é possível identificar os espaços e as práticas das experiências formativas na vida dos jovens, e como as mesmas podem contribuir no processo de valores e escolhas feitos em seu projeto de vida, além de indicarem quais são as dificuldades do jovem nesse processo de “juízos, prejuízos, filosofias de vida, costumes, tradições, lugares comuns, modos de agir, de dizer, de pensar, de reagir mais ou menos imediatos e irreflexivos” (SILVA, 2009, 25).

O presente estudo apresenta uma alternativa na proposta central da formulação das políticas públicas para a juventude, sendo capaz de identificar os desejos, anseios e sonhos dos jovens na construção do seu projeto de vida e como o Estado pode contribuir nesse processo.

Concluímos que a aproximação do estudo sobre Projeto de Vida e juventude, contribui para colher e sinalizar necessidades de políticas públicas dirigidas às reais demandas dos jovens, buscando formular ações que promovam experiências de socialização, sobretudo, grupos culturais e esportivos, políticas públicas que tenham uma atuação ativa do jovem e que promovam experiências que contribuam para o desenvolvimento juvenil e o processo de autonomia do jovem.

# **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABRAHÃO, M. H. M. B. **Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica.** Pelotas, 2003.

ABRAMO, H. W. **O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro**. In: FREITAS, M. V. (org.) Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

ARANTES, V. A. **Modelos Organizadores do Pensamento e o seu desenvolvimento teórico-metodológico: Estudos de Psicologia e Educação**. (Tese de Livre-docência). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2013.

ARANTES, V. A.; DANZA, H. C.; PINHEIRO, V. P. G.; PÁTARO, C. S. de O. **Projetos de vida, juventude e educação moral**. *International Studies on Law and Education*, São Paulo, Mandruvá, n. 23, p. 77-94, 2016.

BARDIN L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, 1997.

BRAGA, E. S. **Memória e Narrativa: da dramática constituição do sujeito social**, Campinas/SP, 2002.

BRASIL - Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CAMARANO, A. A. *et al.* **Caminhos para a Vida Adulta: As Múltiplas Trajetórias dos Jovens Brasileiros.** IPEA, Rio de Janeiro, 2004;

CAMARANO, A. A.; KANSO, S; MELLO, J. L. **Do nascimento à morte: principais transições.** Cap.2, p. 31- 60; Brasília, 2006. Disponível em: http://ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/capitulo\_2\_nascimento.pdf. Acesso em: 20 de dezembro de 2017.

CAMPOS, C. J. G. **Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde**. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília (DF) 2004 set/out; 57(5): p. 611- 614.

CARO, S. M. P.; GUZZO, R. S. L. **Educação Social e Psicologia**. Campinas: Alínea, 2004.

CARRANO, P. C. R. **Juventude e participação no Brasil – interdições e possibilidades**, Rio de Janeiro, 2006.

CIAMPA, A. da C. **Identidade**. In: W. Codo & S. T. M Lane (Orgs.). Psicologia social: o homem em movimento (pp. 58-75), São Paulo: Brasiliense, 1984.

DAMON, W; **O que o jovem quer da vida? Como pais e professores podem orientar e motivar os adolescentes**. São Paulo: Summus, 2009: 46- 67;

DANTAS, S. S. **Identidade política e projetos de vida: uma contribuição à teoria de Ciampa**. Psicol. Soc. vol.29, Belo Horizonte 2017, Epub18-Dez-2017. Disponível em: <https://goo.gl/MxwyfThttps://goo.gl/MxwyfT>. Acesso em: 19 de Janeiro de 2018.

DANZA, H. C. **Projetos de vida e educação moral : um estudo na perspectiva da teoria dos modelos organizadores do pensamento**. São Paulo: s.n., 2014.

DIAS, Reinaldo e MATOS, Fernanda. **Políticas Públicas – Princípios, Propósitos e Processos**, São Paulo: Atlas, 2012;

DYE, Thomas. **Mapeamento dos modelos de análise de políticas públicas**, in HEIDEMANN Francisco G. e SALM José Francisco, Políticas Públicas e Desenvolvimento – Bases Epistemológicas e modelos de análises, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009;

FARIA, E.; SOUZA, V. L. T. de. **Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores.** Revista Semestral da Assoc. Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. V. 15, Número 1, Jan/Jun de 2011: 35-42.

FESTUGATO, V. L. **O adolescente na ótica da psicanálise.** Disponível em: http://www.apoioclinica.com.br/noticias/item/291-o-adolescente-na-ótica-da-psicanálise.html. Acesso em: 18 de Janeiro de 2018.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. 5a ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ . **Pedagogia do oprimido**, 17a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GARCIA, V. A. **A Educação não formal em campo: uma possível genealogia.** Holambra, Editora Setembro, 2015.

GOHN, M. G. **Educação não formal e o educador social. Atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Educação não-formal na pedagogia social**. In: I Congresso Internacional de Pedagogia Social, 2006. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092006000100034&script=sci\_arttext> Acesso em: 07 de dezembro de 2017.

GONÇALO, M. F. **Projeto de Vida, felicidade e escolhas profissionais de jovens brasileiros: um estudo na perspectiva da Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento.** São Paulo, 2016.

GRANDINO, P. J. **A dimensão relacional na Educação: experiência formativa com educadores sociais e professores** (Tese de Doutorado). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2004;

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Práticas de risco entre os jovens: estudo preliminar sobre condutas ordálicas**, Revista de Psicologia da USP, V. 27, Nº 1, p. 145-152, São Paulo, 2016.

GROPPO, L. A. **Educação e Sociedade Capitalista em Marx, Durkheim e Weber: indícios da educação não formal e de uma concepção plural de educação.** P. 21-56. In: Sociologia da Educação Comunitária: ensaios sobre o campo das práticas socioeducativa e a educação não formal, Holambra, Editora Setembro, 2013.

HALL, S.- **A identidade Cultural na Pós-modernidade**. Tradução: DP &A. Editora, 2006.

HOWLETT, Michael, RAMESH, M. e PERL, Antony, **Políticas Públicas – Seus ciclos e subsistemas – Uma abordagem integral**, Rio de Janeiro: Elsevier, 2013;

HURTADO, D. H. **Projetos de vida e projetos vitais: um estudo sobre projetos de jovens estudantes em condição de vulnerabilidade social da cidade de São Paulo**- Tese (Mestre em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

KAËS, R. **O Intermediário na abordagem psicanalítica da cultura**. Revista Psicologia USP*,* 2003, 14(3), 15-33.

KLEIN, A. M**. Projetos de Vida e escola: a percepção de estudantes do ensino médio sobre a contribuição das experiências escolares aos seus projetos de vida**, São Paulo, 2011.

MACHADO, E. M. **Pedagogia Social no Brasil: Políticas, Teorias e Práticas em Construção**. Paraná, 2009.

MARCELINO, M. Q. S.; CATAO, M. F. F. M.; LIMA, C. M. P. Representações sociais do projeto de vida entre adolescentes no ensino médio. *Psicol. cienc. prof.* [online], vol.29, n.3, pp.544-557. 2009. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932009000300009. Acesso em: 04 de Janeiro de 2018.

MARTINS, S. A. **As contribuições teórico-metodológicas de E. P. Thompson: experiência e cultura.** Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC Vol. 2 no 2 (4), agosto-dezembro/2006, p. 113-126.

NICOLAZZI, F. **A narrativa da experiência em Foucault e Thompson.** Anos 90, Porto Alegre, v. 11, n. 19/20, p.101-138, jan./dez. 2004

PÁTARO, C. S. O. **Sentimentos, emoções e projetos vitais da juventude: um estudo exploratório na perspectiva da teoria dos modelos organizadores do pensamento**. Tese (Doutorado em Psicologia e Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Juventude e projetos vitais na sociedade contemporânea**, Ver. Estudos de Psicologia I Campinas I 30(4) I 641-642 I outubro - dezembro 2011.

RODRIGUES, Marta M. Assumpção- **Políticas Públicas**, São Paulo, Col. Folha Explica, 2010;

SEBRAE/MG. **Políticas Públicas: conceitos e práticas** / supervisão por Brenner Lopes e Jefferson Ney Amaral; coordenação de Ricardo Wahrendorff Caldas – Belo Horizonte, 2008;

SILVA, E. P. **Projeto pessoal de vida**. Brasília, CISBRASIL-CIB, 2009.

SOUZA, L. L. de. **Modelos organizadores, sujeito e educação: considerações a partir do pensamento complexo**. Rev. Ciências & Cognição 2009; Vol 14 (1): 283-295. ISSN 1806-5821 – 2009.

THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros.** Rio de

Janeiro: Zahar, 1981.

1. (ABRAMO, 2005); (ARANTES *et al*, 2016); (BROIDE, 2006); (CAMARANO, 2004); (CAMARANO; KANSO; MELLO, 2006); (DANTAS, 2017); (HURTADO, 2011); (DOMINGUES, DOMINGUES, BARACAT, 2009); (IRIART; LARANJEIRA; RODRIGUES, 2016); (KLEIN, 2011); (LISBOA; MANDELLI; SOARES, 2011); (MAIA; MANCEBO, 2010); (MARCELINO; CATAO; LIMA, 2009); (MEZZOMO; PÁTARO; SERAFIM, 2016); (NASCIMENTO, 2013); (PERALVA, 2007); (SILVA, 2009); (VALORE, VIARO, 2007); (WELLER, 2014). [↑](#footnote-ref-1)
2. (ABRAMO, 2007); (BRENNER; CARRANO; LÂNES, 2005);(CARRANO, SPÓSITO, 2003); LEON; DOLEJŠIOVÁ; FALANGOLA, 2009); (NOVAES, 2007); (SCHMIDT, 2009); (SPÓSITO, SILVA, SOUZA, 2006). [↑](#footnote-ref-2)